



## INCLUSÃO DE APRENDIZES COM DEFICIÊNCIA INTELECTUAL: ENTRAVES ENCONTRADOS PELOS DOCENTES NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM

INCLUSION OF APPRENTICESHIPS WITH INTELLECTUAL DISABILITIES: OBSTACLES FOUND  
BY TEACHERS IN THE TEACHING AND LEARNING PROCESS

Elisa Gomes da Paixão<sup>1</sup>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1133-5557>

E-mail: liupaixao2@hotmail.com

### Resumo

O presente artigo aborda os entraves que os docentes de sala de aula regular encontram para ensinar pessoas com deficiência. Investigando as dificuldades que os docentes do fundamental II têm encontrado no processo de ensino e aprendizagem com seus aprendizes com deficiência Intelectual. Apresentando como aporte teórico alguns autores como: Mantoan (1988; 2003) Mendes (2004); Denari (2006). A pesquisa teve abordagem qualitativa utilizando como método o estudo de caso. Os instrumentos utilizados foram observação, entrevista e questionário aos professores. No resultado, foi explicitado pelos docentes que as dificuldades encontradas estavam relacionadas a avaliação, comportamento, falta de atenção, material didático, adaptação de materiais e falta de formação continuada. Diante dessa conjuntura, foi proposta práticas na perspectiva inclusiva intuindo contribuir no processo de ensino e aprendizagem dos alunos. Concluímos, que a inclusão dos aprendizes com deficiência deve ser debatida integralmente, observando os contextos de ensino e aprendizagem, respeitando suas especificidades, buscando proporcionar efetivamente seu desenvolvimento.

**Palavras-chave:** Inclusão. Ensino e Aprendizagem. Docentes. Aprendizes. Deficiência.

### Abstract

This article aims to address the barriers that regular classroom teachers face when teaching people with disabilities. Aiming to investigate which difficulties that elementary school teachers have encountered in the teaching and learning process with their intellectually disabled apprentices. Presenting as theoretical support some authors such as: Mantoan (1988; 2003) Mendes (2004); Denari (2006). The research had a qualitative approach with case study nuances. The instruments used were observation, interview and questionnaire to teachers. In the result, it was explained by the professors that the difficulties encountered were related to assessment, behavior, lack of attention, teaching material, adaptation of materials and lack of continuing education. Given this situation, practices in an inclusive perspective were proposed, with the aim of contributing to the teaching and learning process of students. We conclude that the inclusion of learners with disabilities must be fully debated, observing the teaching and learning contexts, respecting their specificities, seeking to effectively provide for their development.

**Keywords:** Inclusion. Teaching and learning. Teachers. Apprentices. Deficiency.

---

<sup>1</sup> Mestra em Ciências da Educação em Inovação Pedagógica pela Universidade da Madeira (UMA), Portugal. Coordenadora do Centro Municipal de Avaliação Multiprofissional (CEMAM) e do Centro de Apoio Pedagógico às pessoas com Deficiência Visual Manoel Dias Santra Rosa (CAP).

## INTRODUÇÃO

Na atualidade a inclusão se baseia em concepções que visam o acolhimento e o respeito a todos os sujeitos, compreendendo dentro da diversidade que o aprendiz tem suas limitações e habilidades, sendo necessário para se haver aprendizagem uma cooperação entre os envolvidos no universo escolar. Logo, para se fazer uma educação inclusiva é indispensável que no âmbito educacional se efetivem práticas pedagógicas que visem abarcar os mais variados estilos de aprendizagem, considerando as especificidades do educando seja uma deficiência, uma dificuldade ou alguma limitação que não seja de causa orgânica que esteja interferindo no processo de ensino/aprendizagem.

Ao observarmos a nossa sociedade é perceptível ainda o preconceito e a necessidade de mudança no discurso e atitudes em relação à pessoa com deficiência. Sabemos que foram através dos marcos legais da educação inclusiva que as impulsionaram a buscarem ocupar seus espaços de fato e direito na sociedade.

E um desses ambientes conquistados, foram às escolas, e com isso tiveram que lidar com todas as cargas positivas e principalmente negativas que lá perpassam: falta de material, preconceitos, falta de acessibilidade, falta de adaptação do material para contribuição do processo de ensino e aprendizagem, falta de acompanhamento dos professores, gestores escolares e pais, dentre outros, limitando assim o desenvolvimento desses aprendizes. Compreendemos que, segundo Ropoli (2010, p.10) “Um ensino de qualidade provém de iniciativas que envolvem professores, gestores, especialistas, pais, alunos e outros profissionais que compõem uma rede educacional em torno de uma proposta que é comum a todas as suas peculiaridades”

Dentre esses conflitos estão os docentes que lidam diretamente com os aprendizes com deficiência e vivem a expor suas angústias e limitações em relação ao sistema de ensino, a inclusão efetiva nas escolas regulares, as suas dificuldades no ensino, adaptação de materiais, avaliação e forma de aprendizagem destes discentes. Temos ciência que o sistema educacional atual ainda se encontra limitado em relação a sua forma e o conceito de aprendizagem.

Diante disso, ainda segundo Ropoli (2010, p. 7) a Inclusão “[...] questiona a fixação de modelos ideais, a normalização de perfis específicos de alunos e a seleção dos eleitos para enfrentar as escolas, produzindo, com isso, identidades e diferenças, inserção e/ou exclusão.”

Diante dessas reflexões, surgiu a seguinte questão de pesquisa: Quais as dificuldades encontradas pelos docentes do 7º ano do Ensino Fundamental II da Escola Municipal de Umburanas- zona rural, no município de Senhor do Bonfim, Bahia, no processo de ensino e aprendizagem para inclusão de alunos com deficiência Intelectual na sala de aula?

O objetivo geral da pesquisa é investigar intuindo identificar quais dificuldades os docentes do fundamental II têm encontrado no processo de ensino e aprendizagem com seus aprendizes com deficiência Intelectual. Tendo como objetivos específicos: Conhecer os entraves no processo de ensino e aprendizagem dos docentes com alunos com Deficiência Intelectual; Verificar a formação docente e conhecimentos teóricos e práticos sobre a temática; sugerir práticas pedagógicas para inclusão de alunos com Deficiência Intelectual.

Esse estudo se justifica em virtude de sua temática ter uma relevância social e científica para a educação, além de buscar compreender e debater as constantes reclamações dos

docentes em relação aos aprendizes com algum tipo de Deficiência, buscando assim, propor práticas pedagógicas inclusivas no ambiente escolar.

Diante dessa inquietação surgiu a necessidade de compreender e ampliar o debate sobre esse aspecto educacional que tem acontecido em nossas salas de aula e tem ganhado visibilidade nas discussões relacionadas a educação e principalmente sobre a inclusão de pessoas com deficiência em salas regulares.

## MÉTODO

A metodologia que foi aplicada é um estudo de caso onde teve como instrumentos de coleta de dados a observação, entrevista e questionário com os professores, onde pudemos através desses coletar os elementos para a realização da pesquisa<sup>2</sup>.

A metodologia é o segmento pelo qual, podemos atingir a um determinado alvo, de forma a abranger todas as hipóteses possíveis, para melhor interpretação de determinado objetivo. Essa pesquisa é um Estudo de caso onde teve como instrumentos de coleta de dados a observação, entrevista e questionário onde pudemos através desses coletar os elementos para a realização da pesquisa.

O Estudo de Caso está dentro da pesquisa qualitativa e se caracteriza por pesquisar um caso particular, individual, aprofundada de uma situação ou caso, abrangendo depois para contextos mais gerais. Como afirma Vieira (2012, p.44) quando discorre sobre o estudo de caso como parte “[...] de um levantamento geral das condições e realidades específicas que se apresentam ao pesquisador, quando ele se coloca diante do objeto de pesquisa. Assim, tem a oportunidade de ver operar todo um conjunto de fatores que contribuem para determinado desfecho.”

Para nos subsidiar durante a pesquisa utilizamos como primeiro instrumento de coleta de dados, a observação, onde a pesquisadora<sup>3</sup> foi ao *lócus* e pode visualizar e acompanhar o contexto de sala de aula e o cotidiano escolar. Foi de suma importância, pois, tivemos a oportunidade de percebermos as necessidades visíveis e nos propiciou ao pesquisar a participar observando no ambiente onde os sujeitos pesquisados estavam inseridos, entendendo que Gil (1999, p.104) descreve a observação como “[...] “principal vantagem, em relação a outras técnicas, a de que os fatos são percebidos diretamente, sem qualquer intermediação. Desse modo, a subjetividade, que permeia todo o processo de investigação social, de a se reduzir.”

Também, ao fazermos a entrevista nos possibilitou a compreensão de nossas indagações, que também se basearam após termos aplicado o questionário aos professores e fazermos a observação *in loco*, alcançando assim as respostas que foram essenciais para nossa pesquisa. Como afirma Ludke e André (1986, p. 34) “[...] a grande vantagem da entrevista sobre outras técnicas é que ela permite a captação imediata e corrente da informação desejada, praticamente com qualquer tipo de informante e sobre os mais variados tópicos”.

---

<sup>2</sup>Esta pesquisa é fruto de um trabalho de TCC de uma pós-graduação em Educação Especial e Inclusiva. Iniciamos a pesquisa com um diálogo inicial com os professores e fizemos a leitura do termo de consentimento, onde esclarecemos o intuito da pesquisa e garantimos o anonimato, utilizando de siglas como forma de identificá-los.

<sup>3</sup> É importante salientar que a Pesquisadora tinha iniciado seu trabalho na unidade escolar com professora de AEE quando começou a pesquisa.

Outro instrumento imprescindível para a construção deste trabalho foi o questionário semiaberto, pois, por termos mesclado as perguntas objetivas e subjetivas deixamos os sujeitos mais livres, para emitirem suas opiniões, sistematizarem seus pensamentos e darem suas respostas usando sua própria linguagem. Portanto, de acordo com Selltiz (1987, p. 15) “[...] no questionário dá-se um grande peso aos relatos verbais dos sujeitos para obtenção de informações sobre os estímulos ou experiências a que estão expostas e para o conhecimento de seus comportamentos”.

## **ANALISANDO AS ENTRELINHAS DO PERCURSO**

O *lócus* da pesquisa foi a Escola Municipal Professoras Zenita e Maria Célia, situada localidade de Umburana (Zona Rural) na Cidade de Senhor do Bonfim- Bahia. Foi escolhida por apresentar os requisitos necessários para a realização da pesquisa, pois esta escola tem sala de recursos e professores que lecionam com diversos alunos com Deficiência.

Os sujeitos da pesquisa foram cinco professores do 7º ano do Ensino Fundamental II que lidam diretamente com uma turma com mais de 5 (cinco) adolescentes com Deficiência Intelectual, física e auditiva. Infelizmente foram recolhidos 3 (três) questionários e entrevistas, pois as demais professoras demonstraram bastante resistência acabando que por colocarem inúmeros empecilhos, assim não conseguimos fazer nem a entrevista nem o questionário.

Esse estudo, buscou descobrir quais os entraves que esses docentes têm encontrado no processo de ensino e aprendizagem na inclusão de alunos com deficiência na sala de aula.

A análise de dados foi feita através da triangulação dos dados, utilizando de categorização para organização e apresentação do texto para melhor conduzir esse processo durante a análise e posteriormente chegar ao resultado da nossa pesquisa.

Então buscamos saber qual era a formação desses professores durante sua graduação, e foi observado que tinham formação em Matemática, Biologia, Educação Física e Pedagogia. Por se tratar do fundamental II, temos uma gama de disciplinas diferenciadas e que para ter algum conhecimento já que não foi ofertado durante a graduação disciplinas que falassem em inclusão é essencial que esses docentes tenham momentos de formação continuada seja através de pós-graduação ou curso de extensão.

Aprofundando sobre esses educadores, buscamos saber se possuem pós-graduação e em qual seria, se caso fosse na área de Inclusão se era específica. Foi percebido que somente uma não possui especialização e os outros em diversas áreas tais como: Gestão escolar e coordenação pedagógica, Gestão Ambiental e somente uma dessas professoras têm Especialização Especial e Inclusiva e também um curso de extensão em Deficiência Auditiva.

Ao mapearmos quantos alunos tem a sala do 7º ano foi informado que são 20 (vinte) alunos, dentre estes há 5(cinco) que possuem deficiência, entre essas temos Física, Intelectual e Auditiva.

Ao questionar, quais os desafios no processo de ensino e aprendizagem dos alunos com deficiência, foram citados os seguintes: “Avaliação, comportamento, falta de atenção, material didático, adaptação de materiais, falta de formação continuada e resistência desses próprios alunos para aprendizagem.” São notórios os inúmeros desafios encontrados por esses professores que compõem essa escola e que são queixas recorrentes também de outros ambientes escolares que se têm aprendizes com deficiências.

A opção da análise dos dados por triangulação se fez por considerar uma forma de obter diversas percepções da realidade investigada ao mesmo tempo em que possibilita complementar com riqueza de interpretações, o objeto de estudo. Garantindo o sigilo das professoras que responderam o questionário e a entrevista, utilizaremos para identificá-las através das siglas P1, P2 e P3.

Quando questionamos se eram a favor da inclusão na sala regular das pessoas com deficiência todos responderam, Sim. Então, foi pedido que justificasse sua resposta e tivemos as seguintes colocações:

P.1- Todos tem o mesmo direito.

P.2- Quando a inclusão acontece na prática, e não incluir por incluir.

P.3- Mesmo com deficiência todos são iguais e precisam estar em contato um com outro.

Neste contexto, percebemos que os pesquisados percebem a necessidade de haver a inclusão, da socialização, do “não fazer de conta” e o direito que é garantido aos aprendizes. Como é referido no Marco Político – Legais da Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva feita pelo MEC, através das Diretrizes da Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva assegura que:

Os sistemas de ensino devem organizar as condições de acesso aos espaços, aos recursos pedagógicos, e à comunicação que favoreçam a promoção da aprendizagem e a valorização das diferenças, de forma a atender as necessidades educacionais de todos os alunos. (BRASIL, 2010, p.24)

Logo, as escolas precisam garantir que a lei seja cumprida e os municípios precisam se reestruturar e prover, suprimindo as necessidades que venham a interferir que esse acesso venha ocorrer. Então, para aprofundarmos as discussões durante a entrevista feita as professoras da escola pesquisada, perguntamos quais eram as dificuldades que encontravam para que houvessem a inclusão dos alunos com deficiência em sua sala de aula?

Vejamos as respostas:

P.1- A falta de atenção é um dos principais problemas onde eles tiram a concentração dos outros alunos.

P.2- A segregação por parte dos colegas a falta de respeito com relação as diferenças.

P.3- Falta de formação para trabalhar com esses alunos. Não sei como avaliar esses alunos.

Refletindo esse contexto que cerne a educação inclusiva deste local é trazida uma discussão que vem a nível macro sobre a necessidade de uma formação inicial e continuada para os educadores, para que assim possam saber intervir nesse ambiente educacional, proporcionando a garantia dos direitos desses alunos para que de fato haja o acesso e a oportunização da aprendizagem.

Também, é interessante ressaltar que a professora P2, também traz novos elementos interessantes quando se inquieta com o fato de ‘muitas vezes não haver respeito por parte dos próprios colegas’ há essa diversidade. É notória, a segregação que acontece nos ambientes

escolares, por somente acreditar que “aceitar” esses alunos nas salas de aula já é inclusão. Como já foi colocado acima é dar a esses alunos abordagens de aprendizagens diversificadas para que possam abarcar a todos. De acordo a afirmação de Mantoan (2003):

A educação inclusiva deve ser entendida como uma tentativa a mais de atender as dificuldades de aprendizagem de qualquer aluno no sistema educacional e com um meio de assegurar que os alunos, que apresentam alguma deficiência, tenham os mesmos direitos que os outros, ou seja, os mesmos direitos dos seus colegas escolarizados em uma escola regular. (p. 97)

A inclusão tem a perspectiva de perpassar o aperfeiçoamento da educação escolar, devendo beneficiar os aprendizes com e sem deficiência integralmente e isso irá depender não somente da disponibilidade, mas do conhecimento teórico e prático deste docente frente os desafios tão comuns nas unidades escolares e principalmente ao método tradicional. Para Bueno (1999):

Se não fizer parte integrante de uma política efetiva de diminuição do fracasso escolar e de uma educação inclusiva com qualidade, a inserção de uma disciplina ou a preocupação com conteúdo sobre crianças com necessidades educativas especiais pode redundar em práticas extremamente contrárias aos princípios e fundamentos da educação inclusiva: (p. 12).

O resultado positivo no processo de inclusão de educandos com deficiência nas unidades escolares tem alcançado avanços importantes quando através de conhecimentos pedagógicos se respeita a diversidade. E desta maneira que se conquista o sucesso quando o ambiente escolar admite suas dificuldades com relação a alguns educandos, mostrando as práticas pedagógicas no processo de ensino e aprendizagem ministrada de forma significativa e prazerosa.

Buscando aprofundar as discussões, nesse momento da entrevista intuímos ouvir e perceber a visão do professor em relação à inclusão e seu processo de aprendizagem mútua e colocá-lo para refletir em seu entorno. Pedi que ele sugerisse o que precisava para melhorar durante esse processo de ensino e aprendizagem de seus aprendizes com deficiência? Acompanhemos as respostas:

- P.1- Que tivesse em sala de aula um outro educador para poder atender esses alunos.
- P.2- Que houvesse mais formação e/ou orientações de como trabalhar com determinadas deficiências, principalmente quando são severas.
- P.3- Receber material didático para trabalhar com esses alunos.

Analisando as sugestões trazidas pelas professoras, uma retorna a nossa discussão anterior da necessidade de formação específica na área, a P.3 traz a questão da falta de material didático para utilização durante as aulas e a P.1 acredita que outro professor atendendo os aprendizes com deficiência em sala de aula regular seja a melhor solução.

Podemos avaliar essa resposta de P.1 de duas maneiras: a primeira como uma forma de negação e transferência da responsabilidade do ensino/aprendizagem para outro professor, desconsiderando sua importância enquanto mediadora nesses processos e que pode auxiliar

na interação desses aprendizes, que já são atendidos no turno oposto nas salas de recursos multifuncionais por professoras de AEE; e a segunda é medo do novo e de todas as demandas que a inclusão venha trazer para o ambiente de aprendizagem já “conhecido” por ela.

É essencial quebrarmos essa barreira e estudarmos mais sobre as diversas possibilidades e estilos de aprendizagem, intuindo diminuir esse abismo que existe entre os professores da sala regular e os alunos com deficiência, como afirma Mantoan (2003, p. 79) “[...] ensinar, realmente não é uma tarefa simples, exige novos conhecimentos, e que muitas vezes contradizem o que lhes foi ensinado e o que utilizam em suas práticas.”

Ao perguntarmos durante a entrevista como elas avaliariam seu trabalho em relação a esses alunos com deficiência em sala de aula?

P.1- Deficitário, pois não sei como trabalhar com eles.

P.2- Não estou conseguindo atingir esses alunos com eficiência, que os mesmos precisam para se desenvolverem com êxito.

P.3- Nenhum é excluído, todos participam das atividades propostas nas aulas de Educação Física.

É interessante ressaltarmos que a Professora de Educação Física a P.3 foi a única que avaliou seu trabalho de forma positiva e não excludente, sua disciplina de trabalho é Educação Física. Nas demais falas durante a entrevista com esses docentes se avaliaram frustradas por não saber trabalhar e não obter êxito em sua maioria nas atividades realizadas com estes aprendizes.

Com isso, é importantíssimo reiterar a necessidade da formação continuada seja em pós-graduação ou cursos de extensão para que esse professor possa saber mediar e com eficácia trabalhar com os aprendizes com deficiência. Mas, não podemos esquecer que além da formação complementar precisa se está associado o docente pesquisador e crítico em relação a seu trabalho e papel social na vida dessas pessoas. Para Mendes (2004):

Educar crianças com necessidades especiais juntamente com seus pares em escolas comuns é importante, não apenas para prover oportunidades de socialização e de mudar o pensamento estereotipado das pessoas sobre as limitações, mas também para ensinar o aluno a dominar habilidades e conhecimentos necessários para a vida futura dentro e fora da escola (p.228).

Precisamos compreender que cada aluno é único. Nesse caso, em nossa pesquisa nos referindo específico desta escola, são quatro alunos com deficiência Intelectual que apresentam graus de deficiência leve, moderado e grave. É importante entender que, eles terão demandas diferenciadas que precisam ser observadas como: se há acessibilidade arquitetônica, tecnológica, verificar questões de contexto familiar, estimulação, cognição, memória, também precisa ser observado o currículo escolar, se o aluno além da deficiência tem algum transtorno associado ou demais comorbidades, questões de afetividade, acompanhamento médico, entre outros. É preciso entender o indivíduo em sua totalidade, respeitando suas diferenças e procurando oferecer possibilidades de aprendizagem de acordo com suas limitações garantindo assim, um processo de ensino e aprendizagem adequado para todos.

Segundo Mantoan (2003), sobre a diversidade nas escolas:

As escolas para todos são escolas inclusivas, em que todos os alunos estudam juntos, em sala de aula de ensino regular. Esses ambientes educativos desafiam as possibilidades de aprendizagem de todos os alunos e as estratégias de trabalho pedagógico são adequadas às habilidades e necessidades de todos. ( p.8)

A inclusão não acontece de maneira imposta, mas é preciso pensar e discutir as formas de incluir. A inclusão dos aprendizes com deficiência nas unidades escolares implica no reconhecimento que o outro é diferente, mas em algumas situações observa-se que escolas e/ou educadores não estão vivenciando a inclusão como deve ser realizada, respeitando as diferenças. Para que seja considerada uma escola inclusiva é necessário seja acolhida a diversidade que perpassa a sala de aula em suas diferenças, ou seja, existe um sentimento de pertença, pois, ainda segundo Mendes (2003):

[...] todos os alunos se sentem respeitados e reconhecidos nas suas diferenças, ou melhor, são escolas que não são indiferentes às diferenças. Ao nos referirmos a essas escolas, estamos tratando de ambientes educacionais que se caracterizam por um ensino de qualidade, que não exclui, não categoriza os alunos em grupos arbitrariamente definidos por perfis de aproveitamento escolar e por avaliações padronizadas e que não admitem a dicotomia entre educação regular e especial (p.7-8).

Então, para concluirmos nossas questões, refletimos as dificuldades encontradas por esses docentes, a importância da formação continuada, da metodologia e avaliação desses discentes. Encerramos essa discussão, intuindo proporcionar não só um momento de reflexão de sua prática, mas o vislumbre de um presente diferente e atuante na vida desses aprendizes. Então, fizemos a seguinte pergunta: Se você pudesse o que você faria diferente em relação ao seu aluno com deficiência?

- P.1- Faria um curso nessa área para poder ajudar esses alunos.
- P.2- Acredito que o “fazer diferente” está em nossas mãos, porém, a sobrecarga de trabalho nos impede de buscar esse “diferente”.
- P.3- Se eu pudesse, colocaria mais material didático e esportivo para facilitar as aulas de Educação Física.

Percebe-se nos discursos acima, que a uma vontade de incluir mesmo que vislumbre bastante dificuldades. Logo, esse processo de se “incomodar” com esse aluno não “avançar” na sala de aula é uma pequena chama que se acende para a inclusão poder posteriormente com outras ações vir a acontecer. Depois, a necessidade de fazer esse momento reflexão da prática pedagógica e buscar melhorá-la através das pesquisas e experiências construídas através das práticas de metodologias diversificadas de aprendizagem, intuindo uma educação de fato inclusiva. Pois, para Facion (2009, p. 2003) “Incluir não é simplesmente levar uma criança com deficiência a frequentar o ensino regular. A inclusão é uma conquista diária para a escola, para a criança e para seus pais. Todo dia é um dia novo na inclusão.”

Compreendemos que para se efetivar uma Educação Especial e Inclusiva é fundamental atender as perspectivas no processo de reconstrução e de busca pela democracia que só será



almejada quando os indivíduos tiverem acesso a informação, ao conhecimento e aos meios necessários para que ocorra a formação da cidadania nestes indivíduos.

Também, é essencial respeitarmos as diferenças e desenvolvermos o hábito enquanto professores que os aprendizes não são iguais e aprendem também de forma diferente, sendo necessário para que o processo de ensino e aprendizagem seja eficaz precisa-se dar oportunidades iguais, a quem precisa de estimulações diferentes, nisso se estrutura a ideia de equidade.

## **A INCLUSÃO NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM**

As práticas pedagógicas provenientes da política da inclusão escolar, juntamente com as metodologias dos educadores devem oportunizar aos aprendizes com deficiência métodos de ensinagem que proporcione a superação de limitações e ampliação de seus conhecimentos. Assim, é preciso que essas práticas passem por reflexões, sendo avaliadas e monitoradas para que possamos discutir e socializar os futuros indicadores de sucesso e conseqüentemente avaliar e intervir nos problemas encontrados. Compreendemos que “O princípio fundamental desta política é de que o sistema regular deve atender a diversidade do alunado, isto é, todos os que se encontram excluídos, frequentadores da escola.” (BRASIL, 2001)

Tendo assim, o cuidado de não acabarmos segregando esses alunos, mas, garantir o direito de oportunidades iguais com métodos de avaliações diferentes visando a equidade, os quais possam ajudá-los a superar suas limitações e venham de fato incluí-los na sociedade trazendo o sentimento de pertença, dando voz, vez e lugar a estes que a sociedade tanto discrimina. Como afirma Sasaki (1997, p. 18) “[...] a educação inclusiva representa um passo muito concreto e manejável que pode ser dado em nossos sistemas escolares para assegurar que todos os estudantes comecem a aprender que pertencer é um direito e não um status privilegiado que deva ser conquistado.”

Para efetivamente garantir a inclusão de todos envolvidos com a educação é necessário assumir o compromisso de incluir e que os educadores se tornem mediadores deste processo de ensino e aprendizagem no contexto de inclusão e trabalhem os educandos com deficiência sem preconceitos, buscando garantir seus direitos. Segundo Mendes (2004, p. 227) “Uma política de formação de professores é um dos pilares para a construção da inclusão escolar, pois a mudança requer um potencial instalado, em termos de recursos humanos, em condições de trabalho para que possa ser posta em prática.”

Então, temos o intuito no decorrer dessa pesquisa compreender como os professores têm visualizado essas questões que perpassam o ambiente escolar e o que pode vir a está sendo empecilho para que a Educação com aprendizagem significativa venha a ocorrer nas salas de aula com aprendizes in foco a deficiência Intelectual.

## **INTERVENÇÃO NO AMBIENTE ESCOLAR**

Para que se possam ser superadas algumas barreiras que se apresentam no processo educativo das pessoas com deficiência nesse caso em específico intelectual, faz-se necessários práticas e mudanças de posturas no corpo escolar, a exemplo da coordenação, do professor, direção e família do aluno. Segundo Denari (2006):

[...] para garantir o êxito dos trabalhos na escola inclusiva, algumas considerações devem ser consideradas: apoio de especialistas, unificando os dois sistemas e adaptando-os às necessidades de todos os alunos: potencialização das formas de intervenção, isto é, aplicação dos sistemas consultivos e de intervenção direta em sala de aula comum por meio do ensino cooperativo; adoção de uma nova organização escolar, propondo a colaboração, o ajuste mútuo, as formas interdisciplinares e o profissionalismo docente. (p. 36)

Diante dessa conjuntura, intuindo propor ações que venham contribuir no processo de ensino e aprendizagem colocamos abaixo algumas práticas que podem ser desenvolvidas no cotidiano escolar e que auxiliarão na inclusão do aprendiz com deficiência no ambiente escolar:

**1º Grupos de estudo e estudo de caso dos alunos com deficiência-** com intuito de aprender sobre as deficiências dos alunos atendidos, oportunizar formação continuada e troca de experiência entre os docentes;

**2º Parceria com a Professora de AEE-** para que possam não somente trocar informações e/ou experiências, mas contribuir na metodologia a ser utilizada pelo aprendiz que está com dificuldades de apropriação do conteúdo e demais necessidades visando contemplá-lo integralmente;

**3º Avaliação diferenciada-** estudar qual a melhor forma de avaliação juntamente com a professora de AEE e demais envolvidos; Normalmente as provas e testes dos aprendizes com Deficiência intelectual com nível moderado e severo são adaptadas (utilizar perguntas objetivas durante as atividades, provas e testes, além de observar o número de questões, que deverão ser entre duas a três alternativas para as respostas); Também é preferencial utilizar a avaliação somativa e muitas vezes oralizada; Caso ele ainda não tenha domínio da leitura deverá ser garantido pela escola o auxílio leitor e para os que não escrevem o auxílio transcritor.

É necessário considerar também outros aspectos como: comportamento, interação, suas habilidades, diferentes linguagens, comunicação oral, entre outros, utilizando como critério de avaliação o seu crescimento em sua totalidade. Ressaltando, que sua avaliação e notas deverão ser referentes a sua aprendizagem não somente quantitativa, mas qualitativa. Todos esses parâmetros constarão no plano individualizado deste aprendiz; Evite fazer comparações entre alunos, o critério comparativo deverá ser o próprio aprendiz.

**4º Atividades interventivas e mais orais e concretas-** A metodologia utilizada deve favorecer o desenvolvimento do aluno com deficiência e a utilização de atividades concretas para melhor memorização da atividade, como: atividades orais, colagens, pinturas referentes ao assunto, quebra cabeça, caça-palavras, jogos da memória, atividades em grupo, atividades adaptadas, o uso da tecnologia e seus aplicativos de softwares como aporte durante a aprendizagem e também, uma metodologia interessante é a utilização do ensino colaborativo, entre outros.

**5º Mudança no currículo e plano individualizado-** É de suma importância quando necessário a adaptação curricular (que em sua maioria está com defasagem não somente idade/série mas idade cognitiva diferente de sua idade fisiológica), a coordenação pedagógica juntamente com o professor da sala regular deve sentar com o Professor de AEE para a construção de plano educacional individualizado que venha contribuir de forma efetiva na

aprendizagem desse aluno não se desvinculando de sua disciplina mas indo para além dela; Caso necessário, utilizará a terminalidade específica.

**6º Acompanhamento escolar da família-** Incentivar a família e cobrar se necessário, o acompanhamento destes na vida escolar do aprendiz, para que venha a ter parceria entre escola, família e professora de AEE; proporcionar momentos de vivência significativa positiva entre o aluno e os familiares; Fazer reuniões e momentos de escuta para expor também as habilidades e crescimento do educando; manter contato com os familiares sempre que possível para saber do acompanhamento pedagógico.

**7º Equipe multiprofissional-** Propor parcerias com Profissionais da Saúde, Assistência Social e Agentes de saúde do bairro para auxiliar quando necessário às necessidades do aprendiz.

Essas são ideias vivenciadas através estudos de teóricos, da prática em sala de aula regular e da experiência como professora técnica em Atendimento Educacional Especializado-AEE. A Inclusão escolar só acontece com a junção de todos os envolvidos nesse processo, precisamos acreditar, buscarmos a formação continuada e experienciarmos contextos que nos proporcione não somente conhecer, mas intervir na vida desses aprendizes com deficiência. Logo, a ação do professor deve, segundo Gomes (2010):

[...] centrar-se na atenção aos aspectos que podem potencializar o desenvolvimento e a aprendizagem do aluno com deficiência, objetivando também eliminar as barreiras que dificultam a aprendizagem desse aluno. Para potencializar o desenvolvimento e a aprendizagem do aluno com deficiência intelectual, o professor poderá usar recursos de baixa e alta tecnologia, selecionar e produzir materiais (p.9).

A escola precisa mostrar diversos olhares sobre as práticas com diferentes grupos e com relação ao processo de ensino e aprendizagem levando assim a reflexão sobre as práticas pedagógicas, é preciso discutir a perspectiva do desenvolvimento de cada indivíduo principalmente onde a educação inclusiva é realizada. Somente haverá legítima inclusão quando pudermos observar, conforme Mantoan (1998):

Uma verdadeira transformação da escola, de tal modo que o aluno tenha oportunidade de aprender, mas na condição de que sejam respeitados as suas peculiaridades, necessidades e interesses, a sua autonomia intelectual, o ritmo e suas condições de assimilação dos conteúdos curriculares (p.3).

Assim, a formação poderá capacitar os educadores a compreender e construir na diversidade momentos significativos de troca de conhecimentos, oportunizando que os demais envolvidos nesse processo, possam vivenciar a importância que a efetivação da educação inclusiva tem na vida das pessoas com deficiências e da sociedade que cresce como um todo. É de suma importância, o professor perceber que a flexibilidade da ação pedagógica na vida do educando favorece a construção do saber e auxilia no crescimento de todos à sua volta.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo de inclusão dos alunos com deficiência nas unidades escolares está pautado em documentos comprobatórios e legítimos, que visam garantir e respeitar a diversidade de cada indivíduo. A educação inclusiva precisa garantir os direitos de todos os alunos inseridos no contexto educacional. Desta forma, propõe a ampliação dessa concepção que se empenha na diversidade, reformulando os fundamentos, objetivos e os currículos no ambiente escolar incorporando a visão inclusiva para a comunidade escolar. É preciso, também, sensibilizar e capacitar os educadores para a inclusão de todos.

Esta pesquisa intuiu em seus objetivos conhecer os entraves vivenciados pelos docentes no processo de ensino e aprendizagem, que estavam relacionados a avaliação, comportamento, falta de atenção, material didático, adaptação de materiais, falta de formação continuada e resistência desses próprios “alunos para aprendizagem.”

Mas, precisamos compreender que a inclusão dos alunos deve ser debatida integralmente, observando os contextos de ensino e aprendizagem, respeitando suas especificidades, buscando proporcionar efetivamente seu desenvolvimento. Também, a necessidade latente de formação continuada a esses docentes. Além, de propor práticas pedagógicas que possam vir a auxiliar na prática pedagógica.

Precisamos compreender a diversidade como princípio educativo no processo de ensino e aprendizagem, devendo ter um olhar para a sensibilização e adequação quando necessárias ao currículo, intuindo a equidade.

É de suma importância, frisar que os educadores devem conhecer os avanços da legislação e das práticas educativas, no que tange a efetivação das políticas públicas inclusivas, para que assim, também possam cobrar seus direitos na busca de sua efetivação tanto no âmbito educacional quanto no social.

Diante essa conjuntura, podemos concluir que o processo de inclusão no ambiente escolar está cercado de fragilidades nos provocando a continuar as pesquisas acerca da temática que ainda tem muito a avançar.

## REFERÊNCIAS

BRASIL, Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial. **Marcos Político- Legais da Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva**. Brasília: Secretaria de Educação Especial, 2010.

\_\_\_\_\_. **Resolução CNE/CEB, Nº 2** de 11 de setembro de 2001. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na educação básica. Disponível em: < <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CEB0201.pdf>> . Acessado em: 26 mar. 2018.

BUENO, J. S. Crianças com necessidades educativas especiais, política educacional e formação de professores: generalistas ou especialistas? **Revista Brasileira de Educação Especial**, v.5, p. 7-25, 1999.

DENARI, F. Um (novo) olhar sobre a formação do professor de educação especial: da segregação à inclusão. In: RODRIGUES, D (org.). **Inclusão e educação: doze olhares sobre a educação inclusiva**. São Paulo: Summus, 2006.

FACION, J. R. **Inclusão escolar e suas implicações**. 2. ed. Curitiba: IBPEX, 2008.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1999.

GOMES, Adriana Leite Lima Verde et. al. **A Educação especial na perspectiva da inclusão escolar: o atendimento educacional especializado para alunos com deficiência Intelectual**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial; [Fortaleza]: Universidade Federal do Ceará, 2010.

LUDKE, Menga; André Marli E. D. A. **A pesquisa em educação**. abordagens qualitativas. São Paulo: EPU: 1986.

MANTOAN, M. T. E. **Inclusão escolar: o que é? por quê? como fazer?**. São Paulo: Moderna.2003

MANTOAN, M. T. E. **Compreendendo a deficiência mental: novos caminhos educacionais**. São Paulo: Scipione, 1988.

MENDES, E. G. Construindo um “lócus” de pesquisas sobre inclusão escolar. In: MENDES, E.G; ALMEIDA, M. A; WILLIAMS, L. C. de. **Temas em educação especial: avanços recentes**. São Carlos: EdUFSCAR, 2004.

ROPOLI, Edilene Aparecida et al. **A Educação especial na perspectiva da inclusão escolar: a escola comum inclusiva**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial; [Fortaleza]: Universidade Federal do Ceará, 2010.

SASSAKI, R. K. **Inclusão: construindo uma sociedade para todos**. Rio de Janeiro: WVA, 1997.

SELLTIZ, Wrightsman. **Métodos de pesquisa nas relações sociais**; trad. Maria Martha Hubner d' Oliveira. 2. ed. São Paulo: EPU, 1987.

VIEIRA, José Guilherme Silva. **Metodologia de Pesquisa Científica na Prática**. Curitiba: Editora FAEL, 2012.